



História Oral, Gênero e Memória: o lugar das mulheres na arena política de Parintins-Amazonas (1964-2004) ¹

Roger Kenned Repolho de OLIVEIRA²
Júlio Claudio da SILVA³

RESUMO

Desde a Antiguidade as sociedades tentam submeter as mulheres aos homens. Esta relação de poder tem se refletido nas abordagens históricas, ao iluminar o protagonismo masculino em detrimento a atuação das mulheres. A historiografia do século XX trouxe a baila novos objetos, abordagens e problemas, refletindo as transformações ocorridas na arena política, como as lutas e conquistas do feminismo. A “revolução historiográfica” deu vez e voz a novos atores sociais entre os quais as mulheres. Este artigo versará sobre o protagonismo feminino na atuação política de Parintins. A partir da Metodologia da História Oral pretendemos analisar as trajetórias das vereadoras Geminiana Campos Bulcão Bringel e Valdete Prestes Pimentel. Nossa comunicação versará sobre aspectos do protagonismo feminino na atuação política de Parintins, no Baixo Amazonas. Há em comum, nas memórias sobre as duas atuações, histórias de lutas políticas travadas dentro e fora da Câmara Municipal de Parintins, entre as décadas de 1960 e 2004, reveladoras das transformações e conquistas, muitas vezes motivadas ou atravessadas pelas desigualdades de gênero.

PALAVRAS-CHAVE: História oral; Gênero; Memória.

Qual o lugar da mulher no cenário político de Parintins? Qual a relevância de uma história da atuação política das mulheres em Parintins? Qual a relação dessas atuações com os projetos e processos políticos nacionais? Pretendemos responder a esta e outras perguntas ao analisarmos aspectos das trajetórias da professora e vereadora Geminiana Bulcão Bringel e Valdete Prestes Pimentel. A partir da metodologia da história oral (Verena Alberti, 2000; Marietta de Moraes Ferreira, 2012; Mary Del Priore, 1998,) desenvolveremos uma análise que incorpore as noções compartilhadas pelos estudos de memória (Michel Pollak, 1992) em diálogo com a história das

¹ Trabalho apresentado no GT 12 Oralidade e Memória na Pan-Amazônia do III SISCULTURA.

² Acadêmico do Curso de Licenciatura em História da Universidade do Estado do Amazonas – Centro de Estudos Superiores de Parintins. Email: rogerkenned90@gmail.com

³ Doutor em História Social pela Universidade Federal Fluminense, Professor Adjunto do Colegiado de História da Universidade do Estado do Amazonas – Centro de Estudos Superiores de Parintins. Email: julio30clps@gmail.com



mulheres (Rachel Soihet, 1997; Joan Scott, 1989) e das relações de gênero (Eni de Mesquita Samara, 1997; Elizabete Silva Passos; 2001; CAMPOS, 2008).

História Oral e Memória

Segundo Verena Alberti, história oral é uma metodologia de pesquisa e produção de fontes difundida na segunda metade do século XX.

A história oral como metodologia traz novas possibilidades de estudos ao dar vez e voz a novos temas e abordagens proporcionando outras perspectivas e versões até então não relatadas por não possuírem “legitimidade” em seus depoimentos, devido a sua posição na sociedade a qual vive, ela vem trazer em muitos casos versões que só podem ser vistas através do relato oral que trazendo “esquecidos versões menosprezadas história de movimentos sociais onde uma vertente da história oral se tenha construído com uma ligação a da história dos excluídos”. (FERREIRA, 2012, p. 171).

Apesar de ser uma história de resistência, a história oral vem ganhando mais aceitação no campo acadêmico e em diversas áreas dada a sua vocação interdisciplinar. “O trabalho de história oral se beneficia de ferramentas teóricas de diferentes disciplinas das Ciências Humanas, como a Antropologia, a História, a literatura e a Psicologia por exemplo. Trata-se, pois, de uma metodologia interdisciplinar por excelência”. (ALBERTI, 2001, p. 156). Por ser uma metodologia de pesquisa que registra o testemunho e a experiência, a história oral se aplica a chamada história do tempo presente, ou seja, aos eventos ocorridos no pós-segunda guerra mundial.

Segundo Marieta de Moraes Ferreira, “a memória só pode acionar o passado até certo limite e é o tempo que a limita de conhecer os fatos por isso não há como ter parcerias entre ambas segundo Maurice Halbwachs” (2012, p. 24). Mas o historiador deve ter em mente que a memória vive em total função do presente, e que alguns grupos faz o uso da memória para legitimar-se alguma característica que se quer perpassar, então a memória é esclarecida através do presente e este presente que influencia a memória a partir de determinado um grupo. “Explicando assim que o presente



influencia a memória a retirar de seu passado apenas alguns elementos que possam lhe dar uma forma ordenada e com coerência”. (FERREIRA, 2012, p. 24).

Então cabe ao historiador o papel crítico dessa fonte para fazer uma análise de conjunturas da mesma, para identificar o que determinada memória pode trazer consigo, ou o que ela tenta esconder e achar os porquês. A memória não quer dizer apenas o que o indivíduo quer representar, mas também uma representação de como ela quer ser vista e como ela quer que as outras pessoas a vejam, vendo a si própria.

A imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta s outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser recebida da maneira como quer ser recebida pelos outros. (POLLACK, 1992, pg.05).

História das Mulheres e das Relações de Gênero

A procura por tentarmos entender o lugar das mulheres na esfera política de Parintins, suas estratégias, protagonismos e desigualdades, nos conduz para o campo dedicado a pensar os desafios históricos porque passa metade da população mundial. A história das mulheres por muito tempo foi silenciada. Elas ficavam como espaço de espectadoras como é observado por Mary Del Priore, “(...) tradicionalmente são vistas como espetadoras do teatro no qual se defrontam com seus mestres e senhores os homens” (1998, p. 217).

Este quadro conjectura, em certa medida, os resquícios de uma história tradicional, factual e positivista que visava apenas os grandes políticos e grandes acontecimentos, dando voz apenas aos governantes, em geral homens pondo assim as mulheres a um papel de invisibilidade. Ela traz um retrocesso, pois segundo Soihet “seu exclusivo interesse pela história política e pelo domínio público. Privilegiam-se as fontes administrativas, diplomáticas e militares, nas quais as mulheres pouco aparecem” (1997, p. 400).

O local das mulheres nesta historiografia reflete as desigualdades existentes em uma sociedade patriarcal.

(...) o público identifica-se com vida política, vividas por pessoas com o poder de argumentação e de decisão, em oposição a vida privada, que consistia naquela que consistia naquela desenrolada na cena do lar, por pessoas que não participavam da polis, como escravo e as mulheres (...). (SILVA PASSOS, 2001, p.24).

Esses dados nos posicionam a qual que mulheres se encontravam na sociedade, “As mulheres são encontradas ‘nas margens’ da sociedade junto com outros grupos como os escravos, os índios os judeus e cristãos-novos, e os homossexuais”. (DEL PRIORE, 1998, pg. 227).

A invisibilidade da mulher na historiografia remete a seu lugar social, a função que a sociedade lhe impõe, limitadora da sua aparição diante do masculino na sociedade fazendo com que seu protagonismo passe despercebido. Para mudar essa situação e preciso um embate contínuo.

Colocam-se, com isso, os limites e as possibilidades dos indivíduos, a partir de seu sexo. Para os homens, pertencentes ao mundo da polis, do público, o limite e a liberdade; as mulheres, ao contrário, vivem na luta contínua para ultrapassar a limitação que as necessidades impõem. (PASSOS, 2001, p. 24,25).

Uma das principais características do século XX foi a ampliação e consolidação dos movimentos feministas na luta pela ampliação de direitos e cidadania das mulheres. As batalhas travadas nas ruas e no âmbito da sociedade civil refletiram-se nos trabalhos acadêmicos sobre o protagonismo das mulheres. Segundo Mary Del Piore (1998, p. 220) “Depois de um primeiro impulso dado a questão, as universidades abriram suas portas aos grupos de pesquisa”.

Segundo Heloísa Lara:

Outra questão que notamos é a de existência de uma predominância quase que cem por cento de autoras nos trabalhos sobre gênero por quê? Isso demonstra que a ideologia do patriarcado ainda está presente na cabeça dos pesquisadores, pesam que, estudar gênero, estudar mulher, ainda é uma questão da mulher e eles não tem nada a ver com isso; tal visão. (CAMPOS, 2008, p.168).



É neste sentido que o presente artigo busca compreender o protagonismo de Geminiana Campos Bulcão Bringel e Valdete Prestes Pimentel em suas atuações políticas na vereança parintinense, iluminando, nas trajetórias das três ex-vereadoras seus processos de inserção e protagonismos nas lutas políticas.

Durante a década de 1970 com a explosão do feminismo e o afloramento das ciências como Antropologia, História das mentalidades, História social e pesquisas jamais feitas sobre memória popular, fizeram com o posicionamento sobre a constatação do esquecimento da mulher na história surgisse o que levou as mulheres fazerem história das mulheres muito antes da historiografia (DEL PRIORE, 1998, pg. 220).

Os avanços do campo da ciência permitiram os estudos sobre os papéis sexuais e trazendo um novo perfil na historiografia podendo então descrever os papéis femininos. “Papéis femininos chegou-se a decifrar um certo número de práticas específicas que por meio de um jogo de compensações, de interferências simbólicas terminaram por esboçar os traços de uma cultura feminina sem a qual o sentido social não existira”. (DEL PRIORE, 1998, pg. 221).

O estudo sobre a história das mulheres não trouxe consigo rupturas no campo, pois não proporcionou modificações na história tradicional ou até mesmo renovação nos seus métodos. “Não se tinha conseguido revolucionar a ciência histórica de dentro para fora, inscrevendo aí uma diferença sexual que fosse além das funções e papéis codificados pelas sociedades masculinas.” (DEL PRIORE, 1998, pg. 223).

Tal discrepância levou aos historiadores a buscar novas formas de análises, isso ocorreu por pelo menos duas razões: a primeira porque a propagação de estudos de casos na “história das mulheres parece exigir uma perspectiva sintética que possa explicar as continuidades e discontinuidades e dar conta das desigualdades persistentes, mas também das experiências sociais radicalmente diferentes” (SCOTT, 1989, p. 05). E a outra seria, “os limites das abordagens descritivas que não questionam os conceitos dominantes no seio da disciplina ou pelo menos não os questionam de forma a abalar o seu poder e talvez transformá-los”. (SCOTT, 1989, p. 05).

O que se obteve com a História das mulheres foi apenas um reconhecimento da participação das mulheres na história, mas sem que ela tivesse alguma interferência na



III Seminário Internacional em
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



esfera política fazendo com que deixassem de lado a história das mulheres como adendo à história.

No que diz respeito à história das mulheres, a reação da maioria dos(as) historiadores(as) não feministas foi o reconhecimento da história das mulheres para depois descartá-la ou colocá-la em um domínio separado (“as mulheres têm uma história separada da dos homens, portanto deixemos as feministas fazer a história das mulheres, que não nos concerne necessariamente” ou “a história das mulheres trata do sexo e da família e deveria ser feita separadamente da história política e econômica”). (SCOTT, 1989, p. 05).

Houve a necessidade de um estudo que trouxesse essas contribuições não lucidadas pela história das mulheres. O uso da categoria “gênero” trouxe consigo uma contribuição teórica muito significativa ao considerar as desigualdades presentes na relação entre homem e mulher, pois “através desse conceito foi possível trabalhar diversas inter-relações entre homem e mulheres, mostrando o poder não só que se realizava na dominação de homens sobre mulheres, mas também de mulheres sobre homens e homens sobre homens” (CAMPOS, 2008, p. 164).

A categoria “gênero” tem mais neutralidade de análise, pois visa a seriedade de um trabalho, pois tem em sua essência um conotação imparcial e prática e de que o cunho científico das ciências sociais e afasta-se da política do feminismo o seu uso.

Neste uso, o termo gênero não implica necessariamente na tomada de posição sobre a desigualdade ou o poder, nem mesmo designa a parte lesada (e até agora invisível). Enquanto o termo “história das mulheres” revela a sua posição política ao afirmar (contrariamente às práticas habituais), que as mulheres são sujeitos históricos legítimos, o “gênero” inclui as mulheres sem as nomear, e parece assim não se constituir em uma ameaça crítica. (SCOTT, 1989, p. 06).

Ao pensarmos na categoria e olharmos para América Latina se vê a problemática da diversidade cultural e linguística, a compreensão dessa diversidade essencial é o primeiro passo a uma crítica da construção de estereótipos, enquanto as últimas contribuições avançam nas questões como o estudo da mulher e da família, na discussão do feminismo, das relações de gênero e na construção de identidade como mulheres (SAMARA, 1997, p. 00).



Gênero e Esfera Pública

Embora estejamos analisando trajetórias com deslocamento do privado para o público e na esfera pública, para a política, o espaço privilegiado do exercício do poder patriarcal, na sociedade brasileira, vale a pena visitarmos alguns estudos dedicados a pensar o processo de deslocamento, conflito, tensões, limitações e protagonismo das mulheres sob as desigualdades de gênero.

Segundo Samara Eni de Mesquita (1997, p. 18), “(...) ao se tratar da opressão feminina e da sua circunscrição ao trabalho doméstico, enfatiza que isso não impediu a sua presença em inúmeras outras atividades”. Heloisa Lara Campos observa que a mulher está passando por um processo de modificações em sua identidade. “E de uma maneira geral, os trabalhos sobre identidade mostram sempre esses conflitos sobre as mudanças que a mulher está passando trazidas pela contemporaneidade e pelos padrões tradicionais cristãos que ainda firmam os papéis tradicionais” (2008, p. 167).

E apesar de seu protagonismo que até então estava atrelado ao privado, mais especificamente ao cenário doméstico, elas mostram essa divisão limitadora de sua presença no espaço público, e que as mesmas tem capacidade e a competência de enfrentá-lo, deixando a passividade perante o patriarcado e assumindo a responsabilidade de seu sustento, de sua prole, onde faz parte de seu dia tomar decisões difíceis e assumir as consequências de suas decisões (PASSOS, 2001, p. 28).

Mas, apesar de já haver mudanças na vida das mulheres através de lutas e ganhos devido ao seu protagonismo, a pesquisa recente de Elizete Silva Passos intitulada “Gênero e Universidade” mostra que ao terem que optarem por uma área de conhecimento científico para sua formação profissional, as pessoas, tanto homens quanto mulheres, escolhem profissões de caráter sexista, onde a escolha de homem ou uma mulher tem características de predileção determinado por seu sexo, quando o estudo visa às escolhas profissionais dos discentes e dos docentes (2001, p. 29).



III Seminário Internacional em
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



Teoricamente, partiu-se do pressuposto de que as escolhas profissionais de homens e mulheres seguem a divisão sexual, estabelecida culturalmente, que classifica as pessoas a partir de estereótipos e transformam seres essencialmente iguais em diferentes. Ente consequências que as atitudes sexistas produzem, no campo profissional as mulheres ao contrário dos homens são levadas a carreiras mal remuneradas, limitadoras e de menor prestígio (PASSOS, 2001, p. 29).

Em face destas ponderações apontadas por Elizete Passos uma questão se coloca. Qual a relação desta divisão social do trabalho nas carreiras das primeiras mulheres com atuação política em Parintins?

À luz da categoria gênero é possível identificarmos algumas estratégias possíveis, adotadas por Germiniana Pimentel e Valdete Preste Pimentel em seus processos de construções de trajetórias profissionais na esfera pública. As duas personagens tem em comum, além da experiência como vereadoras da Cidade de Parintins, o magistério como ofício.

Os primeiros investimentos de pesquisa, sobre a trajetória de Geminiana Bulcão, não conduziu diretamente a ela, mas à colaboradora Valdete Pimentel.

Valdete Preste Pimentel nasceu em Parintins, estado do Amazonas, no dia 31 de janeiro de 1952. Seus pais, Raimundo Gadelha Preste Pimentel e Maria da Silva Preste, também são naturais de Parintins. Sua infância foi vivida em uma residência situada nas proximidades da esquina da Avenida Amazonas com o Beco Coronel José Henrique, em frente ao Mercado Municipal. Valdete Pimentel estudou no Colégio Nossa Senhora do Carmo, onde, posteriormente, trabalhou como educadora por sete anos. cursou o Normal Superior e cursou especialização em Psicopedagogia. Foi presidente do grêmio da Liga Desportiva de Parintins e em 1992 candidatou-se a vereança. Foi vereadora por três mandatos, no período de 1991-1995, 1996-2000 e de 2001-2004. Segundo seu relato é de sua autoria parte das diversas solicitações “eu pedi várias e várias, quase todo meu mandato, eu fazia sem prestar referência, inclusive uma vez diretamente”⁴ para a implantação da delegacia das mulheres de Parintins. Também participou da

⁴ Entrevista com Valdete Preste Pimentel no dia 2 de dezembro de 2016.

manifestação ocorrida na frente do Fórum de Parintins denunciando e combatendo a violência contra a mulher.⁵

Conheci dona Gemica, Geminiana foi minha colega de curso na UERJ, ela era também supervisora escolar, estudamos juntas, era professora, ela também foi diretora aqui da unidade educacional de Parintins né? Ela era diretora e ela estudou comigo, foi a Geminiana, naquele tempo ela era do MDB antigo né? Que hoje eu acho que é o PMDB, Movimento Democrático Brasileiro (...) ⁶.

Geminiana Campos Bulcão Bringel nasceu em Parintins no início da década de 1920. A sua data de nascimento parece ser controversa. Em alguns documentos, como o título de eleitor há a indicação de 10 de julho de 1923. Em seu curriculum vitae seu nascimento teria ocorrido no mesmo dia e mês do ano de 1926. Primeira entre as mulheres de atuação política, de nossa pesquisa, atuou como professora e supervisora escolar. Em 1956 iniciou sua atuação na carreira política ao assumir uma cadeira na Câmara de Vereadores de Parintins, como suplente do vereador Acioly Teixeira (1956-1959). Entre 1960 e 1963 cumpre o mandato de vereadora, sendo eleita em 1963 como vice-presidente da câmara. Este cargo lhe permitiu assumir a Prefeitura de Parintins quando das ausências do Prefeito e do Vice Prefeito (BUTEL, 1978). Segundo Dona Raimunda Ribeiro da Silva “então ela foi presidente da câmara, e lá viajaram os dois né? Prefeito e vice-prefeito, aí ela ficou, como prefeita, tá? Interina”⁷.

A característica de seu discurso era de ser forte, em seu argumento, levando muitas vezes, seus adversários políticos, a utilizarem de termos pejorativos a para a atacarem. Tais práticas evidenciam a visão hierárquica característica das desigualdades de gênero. Segundo o Senhor José Maria Pinheiro.

Inventaram um discurso muito triste que diziam assim, ela nunca disse isso ne? Que ela dizia: ‘é, vocês metem o pau na Geminiana aqui. Vocês metem por que? Venham meter o pau pela frente’. Sabe aí o pessoal inventou esse discurso para tentar diminui-la como mulher⁸.

⁵ Entrevista com dona Valdete Preste Pimentel realizada em 02 de dezembro de 2016.

⁶ Entrevista com dona Clotilde da Cruz Valente realizada em 01 de abril de 2017.

⁷ Entrevista com Dona Raimunda Ribeiro da Silva realizada em 30 de novembro de 2016.

⁸ Jose Maria Pinheiro (16 /06/ 2017).

Acompanhar a trajetória política de Geminiana Bulcão nos permite estabelecer conexões preciosas entre a História Política Local e a Nacional. Um dos eventos mais lembrados entre os entrevistados, sobre a atuação política de Geminiana Bulcão, foi o fato de ter acompanhado o anticandidato a Presidência da República, Ulisses Guimarães em sua viagem ao Amazonas e Parintins. Provavelmente a viagem se deu entre 1973 e 1974, pois a eleição no Colégio Eleitoral ocorreu em 15 de março de 1974. Dada a conexão entre o Local e o Nacional este é um dos episódios mais recorrentes nas memórias dos colaboradores da pesquisa.

Esse evento ficou na minha mente, sabe? Porque a gente pôde ouvir um cara diferente, com ideias diferentes. E daquelas ideias que a gente fazia aqui em Parintins, revelava daquela ação dele, eu não esqueço nunca isso aí⁹.

Muito provavelmente o Senhor José Maria Pinheiros está fazendo menção as ideias apresentadas pelo anticandidato a presidência da República em viagens por todo o Brasil. A oposição a Ditadura Civil-Militar, parece ter sido o ponto de conexão entre Ulisses Guimarães e Germiniana Bringel. Segundo o relato de Dona Fátima Guedes “ela pertencia a esse partido, ela se trazia, ela se colocava contra a lógica da ditadura militar”¹⁰.

Ingrid Corrêa na dissertação *Ulysses Guimarães: trajetória política de um liberal-democrata na luta contra a ditadura militar (1971-1984)*, diz que o Jornal *O Globo* noticiou a cobertura da I Convenção Nacional Extraordinária do MDB, ocorrida no Plenário do Senado Federal, em 22 de setembro de 1973. Na ocasião Ulysses Guimarães, então presidente do partido foi indicado a postular a vaga de Presidente da República tendo como vice-presidente o jornalista Barbosa Lima Sobrinho (SILVA, 2001, p. 37).

Considerações Finais

⁹ Entrevista Jose Maria Pinheiro (16 /06/2017).

¹⁰ Fatima Guedes



Um dos eventos mais citados pelos colaboradores desta pesquisa foi a visita de Doutor Ulysses Guimarães a Parintins. Embora citando em outra data o tema emerge no processo de construção de memória de alguns colaboradores. Segundo o Senhor Geraldo Medeiros, Ulysses Guimarães teria sido recebido por Geminiana “Foi em 68 e 69”.¹¹ O evento memorável é também citado por outro colaborador. Segundo José Maria Pinheiro: “ela e o partido conseguiu trazer em Parintins o Ulysses Guimaraes pra fazer um comício à noite né, tudo programado movimentação bacana o MDB estava com aquela música ‘MDB, MDB, MDB ai preparamos o comício’”.¹² Um investimento ainda está por ser feito voltado para uma pesquisa na qual se ilumine os vários nexos entre o local e o nacional. Em diálogo com a historiografia dedicada aos estudos da história das mulheres, das relações de gênero e da história política. Os nexos dessas dimensões da história estão postos na memória dos contemporâneos do protagonismo político dos personagens da pesquisa que deu origem a esse artigo.

Referências Bibliográficas:

- ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2011. pp. 155-202.
- BUTEL, Larice [et.al]. **História e Memória Política do Município de Parintins: 1º legislatura de 1947ª 1951**. Parintins: Câmara Município de Parintins, 2011.
- DE NORONHA Nelson Matos; ATHIAS Renato (org.). **Ciências e saberes na Amazônia: indivíduos, coletividades, gênero e etnias**. Recife: Ed. Universitária da UFFPE, 2008.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. História oral: velhas questões, novos desafios. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). **Novos domínios da história**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. pp. 169-186.
- MEIHY, J.C.S.B. *Manual de historia oral*. 2.ed.São Paulo:Loyola,1998.
- PASSOS, Elizabete Silva. As mulheres e os saberes: construção do gênero nas Universidades do Norte e Nordeste e as repercussões nos campos social e político. In: FERREIRA, Mary; ALVARES, Maria Luiza Miranda, SANTOS, Eunice Ferreira dos (orgs). **Os saberes e os poderes das mulheres: a construção do gênero**. São Luíz: EDUFMA/Núcleo Interdisciplinar de Estudo e Pesquisa Mulher, Cidadania e relações; de Gênero; Salvador: REDOR, 2001.
- POLLAK, Michael. “Memória, Esquecimento, Silêncio”. In Estudos Históricos, rio de Janeiro, vol. 2. 3, 1989, p.3-15.
- POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. In: Estudos históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.
- PRIORE, Mary Del. Historia das mulheres: as vozes do silêncio. In: FREITAS, Marcos Cezar de (org). **Historiografia Brasileira em Perspectiva**. São Paulo: Contexto, 1998.

¹¹ Entrevista com o senhor Geraldo Medeiros realizada em 30 de novembro de 2016.

¹² Entrevista com o senhor José Maria Pinheiro realizada em 16 de junho de 2017.



III Seminário Internacional em
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



-
- SAMARA, Eni de Mesquita. A construção da identidade social de gênero. In: SAMARA, Eni Mesquita; SOIHET, Rachel e MATOS, Maria Izilda S. de. (org). **Gênero em debate: Trajetórias e perspectivas na historiografia contemporânea**. São Paulo: EDUC, 1997.
- SCOTT, Joan. **Gender: a useful category of historical analyses**. Gender and the politics of history. New York, Columbia University Press. 1989.
- SOIHET, Rachel. **Emergência da Pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero**. In: Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 27, nº 54, p. 281-300 – 2007.